

Aracy Cortes, a estrela do espetáculo *Zylda*

Aracy Cortes, the main star from the spectacle Zylda

por *Rosane Faraco Santolin*

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar como a atriz revisteira Aracy Cortes foi abordada na montagem da revista “Zylda – o feitiço moreno”. Esta revista é fruto da disciplina de Montagem Teatral I e II, do curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. A concretização deste espetáculo de Revista partiu da pesquisa da Prof. Dra. Vera Regina Martins Collaço, a qual vem pesquisando este gênero desde o ano de 2005. Para a realização desse trabalho, foi feita uma análise do texto elaborado para a montagem, bem como o acompanhamento de alguns ensaios do grupo, de modo a ver como o texto está sendo refletido na cena. Dessa forma, serão levantados quais os aspectos da atriz e das personagens que ela deu vida estão sendo usados nesse espetáculo.

Palavras-chave *Teatro de Revista, Aracy Cortes, Análise do Texto Teatral*

ABSTRACT

This article aims to analyse how the music hall actress Aracy Cortes was approached in the music hall play “Zylda – o feitiço moreno”. This play was originated in the subject “Montagem Teatral I and II”, from the Theater Course from Santa Catarina State University. This spectacle was made real because of the teacher Vera Regina Martins Collaço research, who has been researching this genre since 2005. To put into practice this work, an analyse from the play written text was made, as well as coming along with several rehearsals from this group, in order to verify how the text is being reflected on the scene. This way, there are going to be shown which aspects from this actress and the characters she came alive are being presented in this spectacle.

Keywords *Music Hall, Aracy Cortes, Theater text analyse*

Aracy, senhora rainha

Zilda de Carvalho Espíndola, que foi conhecida no Brasil pelo nome de Aracy (ou Araci) Cortes, nasceu no Rio de Janeiro em 31 de março de 1904 e morreu na mesma cidade, em 8 de janeiro de 1985, aos oitenta anos de idade. Aracy foi uma das atrizes de Teatro de Revista que por mais tempo trabalhou, desde a década de 1920 até o início de 1960. Isso totalizam quarenta anos de trabalho de revisteiro, com 138 revistas inéditas e reprisadas! Ainda que tenha trabalhado por todo este tempo, Aracy ficou oito anos não-contínuos sem fazer revistas nas décadas de 1940 e 1950. Seu auge no gênero foi de 1920 a 1940. Essa maravilhosa atriz é também considerada por muitos a primeira grande cantora popular brasileira, tendo lançado maxixes, sambas, marchinhas. Dentre eles estão “Linda Flor (Ai-io-io)”, “Rancho Fundo”, “Aquarela do Brasil” e “Lodo”.

Aracy não deixou a desejar para nenhuma senhorita da sociedade fluminense em termos de estudo: cursou o ginásio, além de datilografia, Francês, Inglês, piano, flauta – tendo João Salgado como mestre – e canto orfeônico. Ainda adolescente, começou a trabalhar no grupo amador “Filhos de Talma”. Contudo, ela logo deixou o grupo amador e, aos dezesseis anos de idade, ingressou no Democrata Circo (o mesmo circo onde o inesquecível Oscarito teve sua estréia, em 1911, aos cinco anos de idade).

Sua estréia no Circo foi ao mesmo tempo triste e hilária, como nos relata Roberto Ruiz:

Em 1920 Zilda (Araci) deveria estreiar no circo. Empurrada para o palco. A orquestra atacou a introdução. Diante da garota, banhada de luz e de suor frio, uma muralha de rostos. A introdução terminou, o maestro deu o sinal e ficou parado de batuta na mão. Alguém, por trás da cortina, falou quase em seus ouvidos: - Como é, garota? Começa!... Os músicos olhavam para ela. A platéia esperava. Todos esperavam. E todos acompanharam a sua queda, redonda, líquida, inexorável. Zilda havia desmaiado sem pronunciar um som sequer! Retirada de cena, enfrentou um momento difícil. [...] Mas, e ela? Desistiria logo, de vez? E eles, lhe dariam outra oportunidade? Deram e completaram: - Vá, cante e dance como você sabe. Se você não for hoje, adeus! Era pegar ou largar. “Pode deixar! Eu vou...” E foi. As pernas ainda tremiam, a voz ainda custou um pouquinho a vir exatamente como ela queria, mas a sua determinação era vencer. Desmaio, nunca mais! (1984, p. 18-19).

Depois de ter obtido mais experiência, Aracy entrou para a Companhia Arruda, que possuía sede em São Paulo, e realizava constantemente viagens para apresentações. “Ali, cantando sem maiores oportunidades ou realce, a morena Zilda ganhava, pelo menos, o desembaraço necessário ao vôo maior que ambicionava: os teatros do Rio, sobretudo os da praça Tiradentes”. (RUIZ, 1994, p. 20). Assim, ela voltou para o Rio de Janeiro para tentar entrar num daqueles elencos que ela já tanto se interessava.

Aracy Cortes, a estrela do espetáculo *Zylda*

Ela passou rapidamente pelo grupo *Os Oito Batutas*, mas com uma definição marcante: o grupo queria que uma mulher que soubesse dançar e cantar músicas brasileiras integrasse esse conjunto até então só masculino; entretanto, o nome Zilda não foi apreciado pelos integrantes, especialmente por Mário Nunes, que pensou em Araci. Para chegar no *Cortes*, foi preciso que um jornalista policial, chamado Cortes, adentrasse a sala a qual o grupo estava criando o novo nome. Ela nem sabia, até então, que com este nome ela seria um grande sucesso.

Em 1921 Aracy estréia numa revista no Teatro Recreio, após ter deixado o grupo *Os Oito Batutas*, com a Companhia de João de Deus. Dali em diante e em outras companhias, Aracy fez o que sabia de melhor: cantar, dançar, representar... Apesar de seu nome estar quase esquecido no cenário nacional atual, há certa acessibilidade em se encontrar notícias sobre sua vida, suas músicas, sua carreira. Também alguns poucos vídeos estão disponíveis em sites online.

O espetáculo e a homenagem

Zylda – o feitiço moreno é um espetáculo que resultou das disciplinas de Montagem Teatral I e II do curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, ministradas pelos professores Dr. José Ronaldo Faleiro e Dra. Vera Regina Martins Collaço. A escolha de se fazer uma Revista, gênero já não praticado no Brasil, veio da professora Vera, que desde o ano de 2005 vem pesquisando historicamente esse tipo de teatro. Ao invés de remontar alguma revista, o grupo decidiu fazer a sua própria bricolagem homenageando a renomada atriz Aracy Cortes.

O texto, por homenagear a atriz e não ter a pretensão de refazer algum trecho específico de sua vida, cronológico ou não, tampouco de remontar integralmente alguma revista que a tenha feito famosa, não segue nenhuma obrigatoriedade temática; Aracy não é o objeto do mesmo e também não está na sua figura um fio tênue de enredo. O que se encontra no texto são trechos marcantes ou interessantes da vida e carreira de Aracy. O texto não se baseia também apenas em momentos realizados de alguma forma por Aracy: foi feita uma pesquisa sobre as revistas nas quais Aracy participou durante o período de ouro da artista, ou seja, 1920 a 1940, da onde foram tirados diversos quadros. Isso significa que Aracy não está presente em cada quadro ou número desta montagem. Mas sim que os quadros foram retirados de revistas as quais ela participou.

Além da busca por quadros de revistas que Aracy participou, foram selecionadas músicas que estão presentes em variados momentos do espetáculo e sendo que quase todas são músicas que foram interpretadas por ela. Parece prudente ressaltar no corpo de texto deste artigo que a maior fonte de informações utilizada para chegar nessas revistas e músicas é a obra de Roberto Ruiz, *Araci Cortes, Linda Flor* (1984) e também a obra de Salvyano Paiva, *Viva o Rebolado: Vida e Morte do Teatro de Revista Brasileiro*, (1991).

A estrutura textual

O Teatro de Revista Brasileiro passou por inúmeras transformações em sua estrutura desde o final do século XVIII até a década de 1960: existiu a Revista de Ano, a Nova Revista, a Revista Carnavalesca. O texto aqui analisado segue os moldes de uma Revista Clássica ou Nova, de acordo com a pesquisadora Neyde Veneziano (1991). Dessa forma, o espetáculo é composto por dois atos (estrutura clássica) e vinte e um quadros. Entre estes, encontramos outros elementos para o que é necessário para a estrutura clássica ser classificada como tal: “[...] esquetes, *cortinas* e números de dança, além de duas apoteoses”. (VENEZIANO, 1991, p. 93).

Ainda partindo do modelo proposto por Veneziano (1991), o primeiro ato deve possuir uma abertura orquestrada (que servia para a apresentação da companhia de revistas e que é assim realizada pelo grupo deste espetáculo), números de *cortina*, quadros de comédias, fantasia e musicais, terminando com uma apoteose. Assim, temos no primeiro ato da revista *Zylda*: doze quadros, dos quais quatro são de *cortina*, e os outros oito se dividem em cenas de “interior”, “exterior”, sapateado (dança), mais a apoteose do final do ato.

O mesmo esquema deve se repetir no segundo ato, à exceção da abertura orquestrada. Ele deve ser também mais rápido que o primeiro. Na revista *Zylda*, então, encontramos no segundo ato: quatro cenas de *cortina*, cinco cenas de “interior” e uma de exterior e a apoteose final. Há ainda cenas mistas, onde o número de *cortina* se mescla junto a uma cena de interior ou exterior ou onde há cena de interior e exterior no mesmo quadro.

Toda a estrutura dos quadros de uma Revista Clássica não se baseia unicamente em alternar números de *cortina* com quadros de interior ou exterior. A idéia é trazer contraste para as cenas, dando um ritmo único do gênero: se uma cena é mais lírica, a próxima possivelmente será um número agitado de dança. Todos estes itens foram observados na construção do texto de *Zylda - o feitiço moreno*.

Outro traço importante da estrutura clássica da Revista, mas que não se atém a somente esta, é o caráter “aberto” que o gênero adquiriu ao longo dos anos, especialmente a partir da década de 1920, onde o fio condutor do enredo tornou-se ainda mais tênue ou nulo. Isso significa que nas remontagens revisteiras sempre foram bem-vindas as mudanças ou atualizações que fossem pertinentes àquela determinada companhia ou público-alvo. Diversos textos trazem, inclusive, indicações simples como apenas “Apoteose”, ou “A atriz canta e dança”. Esse caráter auxilia que grupos, como este de alunos da UDESC, possam recriar ou adaptar o que for necessário para a realização duma montagem dentro do contexto histórico e social onde vivem e dentro das próprias idéias que possuem para determinada obra ou enxerto. Entretanto, deve-se sempre manter a fórmula da revista, ou seja, deve-se seguir a organização que a define como tal gênero. A obra é aberta, mas não passível de qualquer inserção deslocada de sentido ou estrutura revisteira.

Aracy Cortes, a estrela do espetáculo *Zylda*

Outros elementos trabalhados – ou não-trabalhados – neste texto, merecem destaque nesta breve análise. É, primeiramente, o caso do pouco uso de alegorias¹. As Revistas quase sempre traziam alegorias diversas, mais especialmente nos quadros de fantasia ou nas apoteoses. Em *Zylda*, só encontramos alegorias no segundo quadro do segundo ato, “Uma certa Boite”. Nesse quadro, atrizes representam diferentes bebidas e dois clientes analisam-nas para fazer a sua escolha – há por último a exaltação da cachaça, que é a “bebida brasileira”. Em relação aos “tipos”, são usados a mulata e o malandro, assim como o casal caipira. É de praxe existirem numa Revista diversos “tipos” além destes, tais como o português, o caipira, o turco, etc., podendo estar todos misturados nas cenas ou serem apenas alguns selecionados, como o é o caso desta montagem. Há que se levar em conta também que, dentro de uma estrutura clássica, com dois atos, ou seja, não extremamente longa – para os padrões revisteiros – e onde há diversos números musicais que se intercalam com os quadros cômicos, paródicos ou líricos, não seja viável a presença de muitos tipos, parecendo prudente a escolha de alguns que permeiem diferentes cenas com diferentes contextos. Finalmente, nota-se que não há a presença de caricaturas em *Zylda*. Isso se deve ao fato de os quadros terem sido tirados de revistas as quais Aracy participou durante o período de 1920 a 1940 e não terem sido atualizados para um contexto atual. Dessa forma, não parece pertinente utilizar figuras referidas a um passado histórico ou enxertar figuras da nossa atualidade em quadros que mantêm um padrão “atual” independente do ano de sua montagem. Os quadros utilizados nessa Revista mantêm sua comichidade por poderem ser aplicados nos dias de hoje de maneira semelhante àquela empregada no ano ao qual pertencem, salvo, é claro, pequenas adaptações de linguagem que fizeram com que o texto ficasse mais compreensível.

A mencionar todos os quadros da revista *Zylda* – o feitiço moreno, são os que seguem:

PRIMEIRO ATO: ABERTURA ORQUESTRAL

- 1º Quadro – A Graça Feiticeira
- 2º Quadro – Apresentação de Aracy – Cortina
- 3º Quadro – No Circo Democrata – Cena de Interior
- 4º Quadro – A Insatisfeita – Cena de Rua
- 5º Quadro – A Mulher do Regimento – Cena de Rua
- 6º Quadro – A Mulher do Regimento – Sapateado
- 7º Quadro – A Partida – Cena de Interior
- 8º Quadro – Aracy e o Jogo de Futebol – Cena externa e improvisada
- 9º Quadro – Boneca de Piche – Cortina

¹ A alegoria é, em primeira instância, a humanização de objetos, idéias, ações ou qualidades. Na revista ela aparece geralmente como forma de gerar mais comichidade e/ou sensualidade.

Aracy Cortes, a estrela do espetáculo *Zylda*

10° Quadro – Nada Além – Cena de interior/exterior

11° Quadro – O Carnaval

12° Quadro – Baiana da Bahia – Cortina

Apoteose – Homenagem à Bahia – Telão

SEGUNDO ATO:

1° Quadro – Homem do Burro – Cortina

2° Quadro – Uma Certa Boite – Cena de Interior

3° Quadro – Quadro Musical Fantasia I – Mulatas e Malandros – Cortina

4° Quadro – Eu sou é Homem – Cena de Interior

5° Quadro – Vacina Contra o Amor – Cena de Platéia – Cortina

6° Quadro – A Balança Falante – Cortina e interior

7° Quadro – Quadro Musical Fantasia II - Cena de Interior e Exterior

8° Quadro – Nervos de Aço – Cena de exterior

9° Quadro – Consultório Médico – Cena de Interior

Apoteose Final

A(s) Aracy(s) da Revista

Observando os ensaios da Revista *Zylda*, foi possível perceber que, ao longo de todos os quadros, onde existem várias aparições de Aracy Cortes, não existe apenas uma atriz que lhe dá vida, mas sim várias. Elas ficarão reconhecíveis no espetáculo através de adereços. Contudo, essa escolha fez com que a Revista tomasse mais uma vez sua própria organização de quadros desvinculados dos anteriores ou dos próximos. Ou seja, além de não existir a obrigatoriedade de uma única atriz representar a Aracy Cortes, ela aparece sob diversos olhares. E também faz com que uma Aracy possa contracenar com outra ou outras.

A presença de diversas “Aracys” também colocou em cena fases diferentes da vida da atriz, apresentadas – ao clássico estilo revisteiro – sem ordem cronológica. Já no primeiro quadro do primeiro ato temos várias “Aracys” juntas se insinuando para a platéia, além de cantarem, apresentando ao público, *Graça de Aracy*, de Ary Barroso (1929): **Dizem todos: / Ela tem uma graça feiticeira / Só porque nasci / Nesta terra brasileira / Com meu cheiro de canela / Minha cor de sapoti / Dizem todos lá vem ela! / O demônio da Aracy! / O meu Senhor do Bonfim / Me faz este favor / De um coração me dar / De não saber negar / O meu amor. / Meu bem... não te queixes de mim / Foi Deus quem me fez assim / Que hei-de fazer? / Não sei por que feitiço / São tantos a querer / Um momento feliz de carinho e prazer.**

Aracy Cortes, a estrela do espetáculo *Zylda*

Em seguida, no segundo quadro, apenas uma Aracy, já experiente dos palcos, apresenta-se diretamente para a platéia num número de cortina: “**Araci** - Zilda, Zilda. Zilda de Carvalho Espíndola. E-S-P-I-N-D-O-L-A. Nascimento? Nascimento vocês tem aí no programa, não é? Velhice é um privilégio que nem todos têm. Quem não morre tem de fazer idade. Tão pensando o que? Sou uma mestiça terrível - filha de brasileiro com espanhol e neta de paraguaio. Sou do signo de carneiro e meu planeta é marte. Isso de Araci veio depois. Disseram que Zilda não era nome de artista, que era nome muito bonito para moça casadoura, mas para artista não! Pois ficou Araci Cortes. E vocês me perdoem a imodéstia, mas quem é que não conhece Araci Cortes? Sou eu meu bem, anunciou é apoteose.”

No terceiro quadro do primeiro ato, quadro de Circo, foi possível colocar novamente as “Aracis” cantando de fora do circo, “Quem quiser ver”, de Eduardo Souto (1929): **Quem quiser ver / Tem que pagar / Sem se mexer / Sem se mexer não pode entrar / Eu, sou mulata sabida / Sei mexer, sei dançar / Na perfeição / O, meu prazer nesta vida / É machucar um bacanão / Quem quiser ter / Esse peixão / Tem que fazer / tem que fazer combinação.** Ainda neste mesmo quadro um acontecimento da vida de Aracy virou cena, já que tanto a estrutura quanto a não-obrigatoriedade de seguir uma trajetória de enredo ou cronológica permitiram que isso fosse possível. É o caso que Roberto Ruiz (1984) relata em seu livro sobre a estréia de Araci no Circo Democrata, citado anteriormente. Após as “Aracys” cantarem e outros números circenses à moda revisteira acontecerem, entra a Aracy novinha, de dezesseis anos, que tenta cantar e desmaia.

Outro quadro não tirado de uma Revista, mas sim da vida de Aracy Cortes é o oitavo quadro do primeiro ato, “Araci e o Jogo de Futebol”. Ele foi astutamente colocado após o sétimo quadro, intitulado “A Partida”, uma cena de interior que mostra uma família se lamentando porque o patriarca está partindo para ser juiz, juiz de um jogo de futebol! O que acontece no quadro que segue, no qual Aracy está presente, é uma partida de futebol da qual Aracy Cortes realmente participou em 1930, onde de um lado havia artistas de teatro, e, de outro, jogadores do time Vasco da Gama. Na cena que vemos na presente Revista, Aracy toma um gol e protesta com o juiz, indo em seguida calmamente – e levando a bola com as mãos! – para a frente do gol adversário chutar e marcar seu gol.

A grande e última apoteose, ao final do segundo ato é, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes e de exaltação da grande artista Aracy Cortes. E não poderia ser de outro jeito. Nela, outra artista é trazida para a cena, Virginia Lane, que também fez muito sucesso nos palcos revisteiros. Ela entra e canta, até que Aracy aparece e reclama para o coro: “Quem foi que teve a idéia de colocar esta FULANA na minha apoteose?” Após todos os rumores do coro, dividido e tentando remendar a situação, a atriz que representa Aracy nesta apoteose canta “O, abre alas”, de Chiquinha Gonzaga. E, no telão revisteiro, ela narra: Nasci artista / Nasci Sambista / E até hoje não me arrependi / Público amigo que não me esquece / Quem te agradece é a Araci. / Os meus sucessos contigo estão / e os teus aplausos no meu coração / Hei de morrer como nasci / Sempre cantando / Sempre dançando / Sempre Araci.

Considerações Finais

Dos diferentes tipos de teatro musicado no Brasil, aquele intitulado Revista não sobreviveu depois da década de 1960 devido a diversos fatores relacionados, entre outros, à política, estrutura interna, falta de espaço para uma resenha crítica aos acontecimentos sociais, etc. Contudo, graças aos pesquisadores do gênero, estamos podendo presenciar espetáculos de Revista que possuem, entre muitas outras atrações e qualidades, uma alegria e exaltação brasileiras contagiantes.

Homenagear uma tão importante artista destes palcos, como assim foi a Aracy Cortes, faz com que a montagem da Revista em si tenha um propósito ainda maior do que o do entretenimento ou de alguma reflexão. Além da beleza do espetáculo em si e da crítica que fatalmente possui a costumes, entre outras, a revista *Zylda – o feitiço moreno* mostra parte de uma história praticamente esquecida, e traz à tona a importância histórica de Aracy. Ela não revive a atriz, mas traz suas músicas, seus personagens, busca um pouco do seu “jeito de ser”. A isso se soma a (re)realização de um gênero do teatro musicado dado por inexistente no país e a possibilidade de gerar novos frutos...

Aracy Cortes, a estrela do espetáculo *Zylda*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- > ANTUNES, Delson. **Fora do Sério: um panorama do Teatro de Revista no Brasil.** RJ: FUNARTE, 2004.
- > GOMES, Tiago de Melo. **Um Espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920.** Campinas: SP: Unicamp, 2004.
- > PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. **Viva o Rebolado: Vida e Morte do Teatro de Revista Brasileiro.** RJ: Nova Fronteira, 1991.
- > RUIZ, Roberto. **Araci Cortes Linda Flor.** R.J: Funarte, 1984.
- > SÜSSEKIND, Flora. **As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro.** RJ: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- > VENEZIANO, Neyde. **Não Adianta Chorar: teatro de revista brasileiro... Oba!** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- > _____. **O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e Convenções.** Campinas: SP: Pontes: UNICAMP, 1991.
- > _____. **De Pernas Para o Ar Teatro de Revista em São Paulo.** S.P. Imprensa Oficial, 2006.

Rosane Faraco Santolin, recém-formada no curso de graduação em Artes Cênicas, pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

rosanesantolin@gmail.com